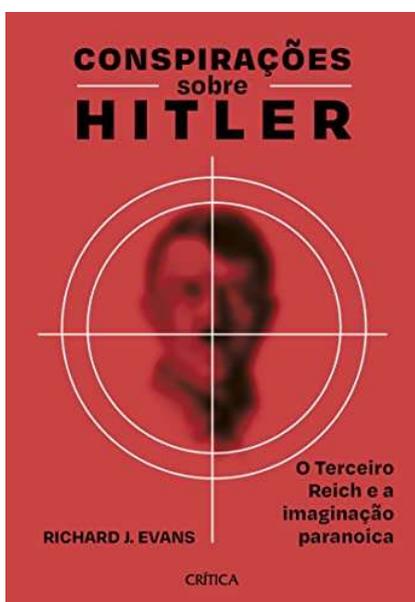


Teorias da conspiração, fake news e o nacional-socialismo alemão

Evans, Richard. *Conspirações sobre Hitler. O Terceiro Reich e a imaginação paranoica*. São Paulo: Crítica, 2022, 272 p.

JOÃO FÁBIO BERTONHA*



O mundo contemporâneo tem a tendência a inventar termos novos para designar questões ou atividades antigas. Um dos mais frequentes atualmente é “fake news”, ou seja, notícias fabricadas, sem nenhuma base na realidade (ou, no mínimo, explorando um fato real, mas alterando seu significado ou alcance) e espalhadas pelos meios de comunicação ou pelas mídias sociais para ganhos políticos ou econômicos. Na realidade, apesar da especificidade dos meios digitais, como maior alcance e repercussão imediata, esse tipo de

prática é muito antiga e respondia, antes, por um nome mais simples, ou seja, mentira.

No livro ora resenhado, o renomado historiador Richard Evans explora justamente as fake news e, mais especificadamente, as teorias conspiratórias. Para ele, as teorias da conspiração vão além de distorcer ou manipular os fatos para oferecer uma narrativa diversa, como as fake news em geral, mas pressupõe a existência de um grupo de pessoas tramando em segredo para levar a cabo uma tarefa maligna. Ele aborda cinco teorias conspiratórias de um passado recente, o século XX, relacionadas a um tema que, tradicionalmente, é objeto de mistificações e crenças, ou seja, o nacional-socialismo alemão.

Os cinco mitos explorados são: 1) se o Holocausto foi inspirado pelos famosos Protocolos dos Sábios de Sião, que afirmavam expor um plano judeu para o domínio mundial; 2) se o incêndio do Reichstag em 1933 foi um plano maquiavélico elaborado pelos nazistas para culpar os comunistas e permitir a sua consolidação no poder; 3) se Rudolf Hess fez a sua misteriosa viagem para a

* JOÃO FÁBIO BERTONHA é professor de História na Universidade Estadual de Maringá/PR e Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Grã-Bretanha em 1941 para transmitir uma oferta de paz oferecida por Hitler aos britânicos; 4) se o Exército alemão foi “apunhalado pelas costas” em 1918 e se essa alegação teve alguma repercussão na liderança nazista; 5) se Adolf Hitler escapou da morte ao final da Segunda Guerra Mundial e se refugiou no exterior, vivendo décadas escondido.

Essas teorias conspiratórias são destrinchadas seguindo a boa prática histórica, através da análise crítica dos documentos e da bibliografia disponíveis e do mais puro bom senso. As falhas argumentativas, os “buracos” factuais e as inconsistências argumentativas e lógicas são apresentadas em minúcias, demonstrando como esses cinco mitos não se sustentam e carecem de qualquer base na realidade histórica recuperável.

Dessa forma, ele demonstra não apenas como os Protocolos dos Sábios de Sião eram uma pura invenção, o que já era conhecido, como também que são uma cópia barata de um documento antimacônico francês do início do século XIX. Além disso, ele indica como, apesar de úteis como instrumento de propaganda, eles nunca teriam sido levados a sério pelos próprios nazistas. O mesmo poderia ser dito do mito da “punhalada nas costas”: não apenas era uma fraude, como os próprios nazistas não acreditavam nele.

Do mesmo modo, ele analisa o incêndio do Reichstag em 1933 e indica como foi uma iniciativa pessoal de um jovem comunista, aproveitada por Hitler, obviamente, para reforçar o seu poder na Alemanha. Ao contrário do que os próprios comunistas afirmaram por décadas, os nazistas não teriam colocado fogo ao prédio para culpá-los, mas meramente aproveitado um acontecimento fortuito para seus próprios objetivos. A viagem de Hess à Escócia em 1941 também foi, sempre

segundo Evans, um fato ocasional, uma iniciativa individual de um homem que tinha perdido contato com a realidade. Já a fuga de Hitler, um dos temas mais tradicionais da mitologia nazista depois de 1945, é analisada em suas múltiplas vertentes, sendo provada a sua implausibilidade a partir de registros e documentos históricos e também forenses.

Outro ponto fundamental do livro é como ele apresenta as motivações e interesses que fizeram com que esses mitos fossem alimentados e nutridos. A sugestão da “fuga de Hitler”, por exemplo, não apenas servia para que os soviéticos (que eram os que tinham, aliás, as evidências concretas de que isso não era verdade, ou seja, os restos mortais de Hitler) acusassem o mundo ocidental, já na Guerra Fria, de serem cúmplices com o nazismo, como sempre foi um produto vendável: até hoje é lucrativo produzir documentários e livros que indiquem onde e como Hitler viveu nos seus anos de refugiado, escondido em algum lugar. Uma das últimas versões, essa nacional, indicaria um Hitler vivendo, como agricultor, até os 97 anos no Mato Grosso, casado com uma cabocla e caçando tesouros com o auxílio de mapas recebidos de amigos no Vaticano.

Evans não se limita igualmente a catalogar essas cinco teorias conspiratórias a respeito do Terceiro Reich e desmontá-las, mas também identifica certos padrões comuns a elas. Ao fazê-lo, seu livro passa a ser interessante não apenas para os estudiosos do nazismo, mas também para todos aqueles que tentam entender, e combater, a onda de mentiras e falsificações que domina o debate público na contemporaneidade.

Um primeiro aspecto que ele desvenda é a “economia política” das falsificações e

dos mitos. Ele indica, com propriedade, como mitos e mitologias são, acima de tudo, instrumentos da luta política, criações com um fim muito específico: gerar emoções e afetividades e produzir identidade de grupo para que partidos, movimentos e Estados possam agregar pessoas e ascender ou permanecer no poder. Ao mesmo tempo, há toda uma indústria formada por pessoas à margem da Universidade, do jornalismo ou da mídia (ou mesmo jornalistas e acadêmicos que se prestam a esse papel) que encontram na difusão de mentiras uma forma de conseguir o reconhecimento, a fama e as recompensas financeiras que não conseguiriam de outra forma. Se não fizessem tanto sucesso e gerassem tanto lucro, seria improvável que as teorias conspiratórias tivessem tanta força: mesmo em épocas em que não havia monetização de sites e canais, era possível viver e prosperar apenas vendendo fantasias, por mais absurdas que fossem.

O segundo elemento a destacar é como há uma diferença entre os criadores e divulgadores de mentiras (que podem ou não acreditar nelas), e seus consumidores, que as aceitam essencialmente porque, por vários motivos, desejam acreditar nelas. O termo **desejo**, nesse caso, me parece fundamental: se as pessoas não quisessem acreditar nos mitos conspiratórios, dificilmente eles teriam tanta repercussão. Não podemos deixar de reconhecer, a propósito, como as teorias conspiratórias podem ser atraentes: elas simplificam o mundo, o pintam dentro de um quadro de valores morais perfeitamente delimitados (o bem e o mal) e dão a sensação, ao seu consumidor, de ter adquirido um conhecimento especial, que a maioria não consegue obter. Além disso elas permitem jogar em alguém ou em algo a

culpa por todas as frustrações e crises da vida: se o meu negócio ou empresa está falindo ou se a minha carreira acadêmica não decolou, a culpa não é minha ou de um contexto nacional ou internacional difícil de entender, mas de grupos que se organizam nas sombras para impedir as pessoas comuns de chegarem ao sucesso.

Por fim, Evans ressalta como todo o sistema de falsas conspirações funciona seguindo certos princípios discursivos gerais, facilmente identificáveis nos cinco mitos com que ele trabalhou. Esses princípios criam uma narrativa circular e que consegue se sustentar, em que pese sua fragilidade empírica, desde que algumas premissas gerais sejam aceitas a priori.

A premissa básica é que nada acontece por acaso, que nada é exatamente o que parece à primeira vista e que tudo o que ocorre é resultado das ações de grupos malignos, que manipulam a História. Ao mesmo tempo, há a premissa de que todas as acontecimentos têm beneficiários e que esses são os responsáveis pelos primeiros. Se, por exemplo, os liberais, democratas e socialistas foram beneficiados, em 1918, pela queda do Império alemão, seria óbvio que eles a teriam orquestrado desde o início. Uma visão, portanto, conspiratória da realidade, o que é diferente de reconhecer, como bem indicado pelo autor, que, em alguns momentos, conspirações e ações na surdina acontecem efetivamente.

Os teóricos da conspiração, curiosamente, dizem seguir o método científico (ou seja, a busca de evidências e provas), mas invertendo-o: eles tentam a todo momento apresentar provas de seus argumentos e de suas evidências, mas a evidente fragilidade deles seria mais uma prova da existência de uma poderosa conspiração, capaz de tudo esconder sob o seu manto, do que o

contrário. Dessa forma, é possível esconder a falta de evidências sólidas em desculpas como as que os arquivos foram destruídos ou as testemunhas eliminadas assim que os conspiradores se viram em perigo ou fazer raciocínios tortuosos para explicar um absurdo evidente.

Outra estratégia comum é a analogia forçada ou o encadeamento forçado dos fatos: se, por exemplo, houve uma expedição alemã para a Antártida em 1938-1939, o que é um fato, seria supostamente evidente que Hitler preparava já então a sua fuga ou que discussões estavam a ser estabelecidas com os alienígenas ali residentes. O destaque para um fato isolado também é algo muito presente: acontecimentos de pequena importância ou que precisam ser contextualizados são apresentados como evidências definitivas de algo, sem levar em conta o contexto de sua produção ou a existência de outros fatos e discursos que o contradizem.

Também é possível fazer uma leitura enviesada de documentos e chegar à conclusão oposta do que seria razoável. Um exemplo clássico seria citar e mencionar toda a investigação que o FBI fez na Argentina no final dos anos 1940 tentando esclarecer o mito de que Hitler estava vivendo na Patagônia e cortar a conclusão final dos investigadores, ou seja, que era tudo uma imensa tolice. Ou apresentar essa conclusão, mas afirmando que os agentes tinham sido forçados a não revelar a realidade pelos donos do poder.

No mesmo sentido, existe a questão da “verdade essencial”, algo que se define como uma realidade inabalável desde o princípio e sobre a qual não cabem dúvidas. Não importava, por exemplo, se os Protocolos dos Sábios de Sião eram evidentemente falsos: a “verdade essencial” que os judeus eram o mal do

Universo não era abalada por isso. A “verdade essencial” também permite conviver com duas ou mais versões do mesmo fato, separar facilmente amigos de inimigos e simplificar o mundo para os que dela compartilham. Não importaria tanto, assim, se os nazistas eram aliados a alienígenas, aos *illuminati* ou a forças arcanas: a “verdade essencial” era que eles seriam muito mais do que um simples movimento político. As teorias conspiratórias podem, assim, serem compartilhadas, mesmo quando até mesmo seus discursos internos se contradizem.

A leitura do brilhante livro de Evans é de suma importância, com efeito, não apenas para os estudiosos do nazismo, mas para todos os que vivem na sociedade do século XXI. As teorias da conspiração, assim como as fake news em geral, têm um efeito deletério no debate público. Elas desqualificam o conhecimento sistematizado e estimulam um ceticismo radical, muito além do que é razoável no debate qualificado. Ao final, é a própria ideia da verdade que é colocada em xeque. Se todas as narrativas históricas são equivalentes (não importando a distinção entre as fundamentadas e as fantasiosas), não podemos mais ter a perspectiva de compreensão do mundo real que nos cerca. A narrativa vencedora não é mais aquela que tem mais base na realidade, está mais fundamentada nos fatos, nos documentos e em uma leitura cuidadosa deles e da bibliografia. O que importa é a capacidade de agradar um dado público, a quantidade de likes que ela recebe ou a conveniência de se acreditar naquilo.

Os historiadores e os demais profissionais das Humanas, na verdade, são responsáveis, em parte, pelo novo fôlego das teorias conspiratórias e das fake news no mundo contemporâneo.

Elas adquiriram nova vitalidade especialmente pela capacidade das redes digitais em amplificar e dar voz, a custo baixo, a todo tipo de ideia e teoria. Quando, contudo, os historiadores (e outros profissionais das Ciências Humanas) passaram a defender a proposta de que não existe a verdade, que tudo depende da perspectiva de quem escreve e lê e que o real é irrecuperável, nós abrimos a guarda para todo tipo de mistificação e mentira. O historiador não tem a verdade absoluta, mas pode oferecer a verdade parcial, temporária, passível de ser recuperada pelo seu trabalho e pelo método histórico. Esquecer isso foi e é uma tragédia. Os historiadores e outros profissionais das Ciências Humanas, que deveriam ser os grandes caçadores de fake news, acabaram por abrir mão dessa sua tarefa em favor de uma pluralidade em princípio positiva, mas nem sempre válida.

Em outras palavras, nem toda escrita da história é equivalente. Ao contrário do que sugere o pós-modernismo, nem todas as formas de saber se equivalem. Há boas narrativas, embasadas no método histórico e que captam a objetividade e a subjetividade da História. Essas narrativas mudam com o tempo, abrangendo novas perguntas e questões e as demandas de novos grupos sociais, e isso apenas enriquece a História. Há também, contudo, versões falsas, normalmente baseadas em abordagens parciais, com pouca base teórica, metodológica e empírica ou com interesses políticos evidentes, como as teorias conspiratórias estudadas por Evans. Discordâncias entre interpretações sólidas, em termos metodológicos, podem existir e ampliam a nosso conhecimento dos fatos. A dicotomia mais básica de todas, aquela entre verdade e mentira, parece, contudo,

ter sido esquecida e essa é a fonte de boa parte das dificuldades do mundo atual.

Esse é o nosso dilema como historiadores no mundo das fake news e dos mitos conspiratórios, tão bem analisados por Evans nesse livro. Há uma grande confusão – proposital – entre o direito de ter uma opinião e o fato de que opiniões não são o equivalente a conhecimento. É um direito democrático opinar sobre o que se quer, mas, como indicado acima, há opiniões fundadas em pesquisa, em método, e opiniões que surgem do nada. Ou, ainda pior, que surgem do objetivo de angariar vantagens políticas ou de outro tipo, através das conhecidas máquinas de produzir mentiras, especialmente na mídia e nas redes sociais, que marcam a nossa época.

Está na hora de nós, historiadores e demais profissionais das Ciências Humanas, reafirmarmos que produzimos conhecimento sólido e que temos sim uma posição especial para discutir o passado e o presente. Não somos os senhores da verdade, mas também não deveríamos ser apenas uma voz entre tantas. As opiniões vazias e o achismo sempre foram um problema, em qualquer época, como bem indicado no excelente livro ora resenhado. No mundo contemporâneo, contudo, elas acabam por se tornar perigosas e levaram a desdobramentos catastróficos, como o triste Brasil depois do golpe de 2016 e da eleição de Bolsonaro em 2018 podem comprovar. Combater as fake news e os mitos conspiratórios é tarefa difícil, mas, como bem recordado por Richard Evans, é quase um pré-requisito para restaurar a sensatez no debate político contemporâneo.

Recebido em 2023-01-25
Publicado em 2023-03-13